

PÓVOA DE VARZIM (Rates)

Rates é uma freguesia do concelho da Póvoa de Varzim, o qual está localizado entre os rios Cávado e Ave, na região de Entre-Douro-e-Minho, e dista cerca de 12 km da sede do concelho. Sair da Póvoa de Varzim pela EN13, direção sul, cerca de 1,6 km, na rotunda sair na terceira saída para EN206 e prosseguir durante 9 km. Virar à esquerda em direção à rua da Gafaria, na rotunda seguir pela terceira saída, permanecer à esquerda e depois virar à direita em direção ao lugar do Mosteiro.

A freguesia de Rates está limitada a norte pelo concelho de Barcelos, a sul pelo de Vila do Conde, a leste pela freguesia de Baltar e a poente pela de Laúndos. A elevação montanhosa chamada serra de Rates divide o concelho em duas áreas distintas: a planície litoral e os montes, onde as florestas são abundantes, e onde predominavam os carvalhos, aveleiras, medronheiros, azinheiras e amieiros. A paisagem da vila revela a sua ruralidade com pequenos núcleos de construções, ladeados por caminhos e propriedades. Em 1758, nas Memórias Paroquiais, é afirmado que a principal produção é o “milhão”, mas também havia algum trigo e pouco centeio, e vinho, nomeadamente, vinho verde.

Rates era um ponto de passagem da via romana chamada *karraria antiqua* que do Porto ia para Barcelos. A existência de material da época romana, em terrenos anexos à igreja, indicia a existência de um estabelecimento rural desse período. Rates teve foral, provavelmente nos inícios do século XII, concedido por D. Sancho I, o qual é mencionado no foral de Vila Nova de Famalicão, de 1205, que recebe os mesmos foros e costumes de Rates. Em Rates, se não existisse feira, haveria pelo menos um bom mercado que servia toda a importante área marítima de proximidade. As Inquirições de 1220 e de 1258 atestam que Rates seria um importante centro de comércio, pois tinha a sua própria medida-padrão – *per taligam Ratis, per mesuram Ratis* – que dominava do Ave ao Cávado na parte ocidental. O caminho medieval que ia do Porto para Ponte de Lima através de Barcelos, passava pelo mosteiro de Rates, lugar de uma notória centralidade na idade média. Rates era sobretudo um ponto de passagem e a leprosaria que aí existia atesta o intenso trânsito local. Representava também um dos acessos do interior para o mar. Nesta época era também ponto de passagem dos caminhos portugueses de peregrinação a Santiago, nomeadamente o caminho Porto-Barcelos-Valença.

Mosteiro de São Pedro

A IGREJA DE SÃO PEDRO DE RATES encontra-se documentada desde finais do século XI, tanto no *Liber Fidei*, como no Censual do bispo D. Pedro. Os condes D. Henrique e D. Teresa doaram, em 1100, a igreja de Rates ao priorado cluniacense de La Charité-sur-Loire, constituindo, assim, o primeiro de três priorados cluniacenses em Portugal. No diploma de doação há referência a um antigo templo, que depois se arruinou: *Ego Comes domnus Henricus et uxor mea domna Theresia domini regis Alfonsi filia facimus cartam per buius scripture paginam vobis prioro de Sancta Maria de Charitate et vestro conventui de illa ecclesia quae vocitatur Sancti Petri de Ratis [...] cum omnibus suis terminis et cum quantum ad jus*

nostrum pertinet. Provavelmente de finais do século IX, princípios do século X data a construção do templo primitivo, pré-românico, de que ainda persistem elementos arquitetónicos avulsos. Alguns desses elementos estão reproduzidos no inventário de peças da igreja de São Pedro de Rates, elaborado em 2011 pelo Museu Municipal de Póvoa de Varzim. Pouco antes da doação de março de 1100, os condes portugalenses tinham empreendido a reconstrução do edifício religioso.

Em escavações realizadas no final da década de 1990 na zona envolvente da igreja de São Pedro de Rates, foram identificados diante do adro os vestígios arqueológicos dos

alicerces do templo pré-românico e de um forno de telha. Além disso, são conhecidos alguns testemunhos pré-românicos em São Pedro de Rates e que poderão corresponder ao edifício erguido neste período e anterior ao atual. No núcleo museológico da igreja românica de São Pedro de Rates expõem-se diversas peças identificadas durante as obras de restauro, de que se destacam fragmentos de ajimezes pré-românicos, que estavam embutidos na fachada principal, do lado direito do portal, um em posição invertida e o outro sobre o primeiro, até ao restauro, realizado sob a alçada da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) na década de 1930. Este conjunto é ainda completado com um pilar decorado com uma cruz grega patada munida de pé-alto e tratada em relevo que poderá ter sido uma cabeceira de sepultura, uma cruz de empena ou mesmo um elemento de separação. Identificam-se ainda três possíveis fragmentos de gelosia um dos quais decorado em baixo com um friso de semicírculos rebaixados e acompanhados por duas linhas gravadas que sublinham a sua curvatura. Por fim, de referir um capitel tronco-piramidal que pelas suas dimensões terá integrado uma fenestração ou uma divisória interior com fins litúrgicos. No cesto, desenham-se quatro grandes palmas com nervuras.

D. Afonso Henriques e sua mulher, D. Mafalda, terão confirmado a doação de Rates ao Mosteiro de La Charité-sur-Loire em [1146-1147]: [...] *Ego Alphonsus Portugalsium rex committis Henrici et reginae Tharasiae magni quoque Alfonsi*

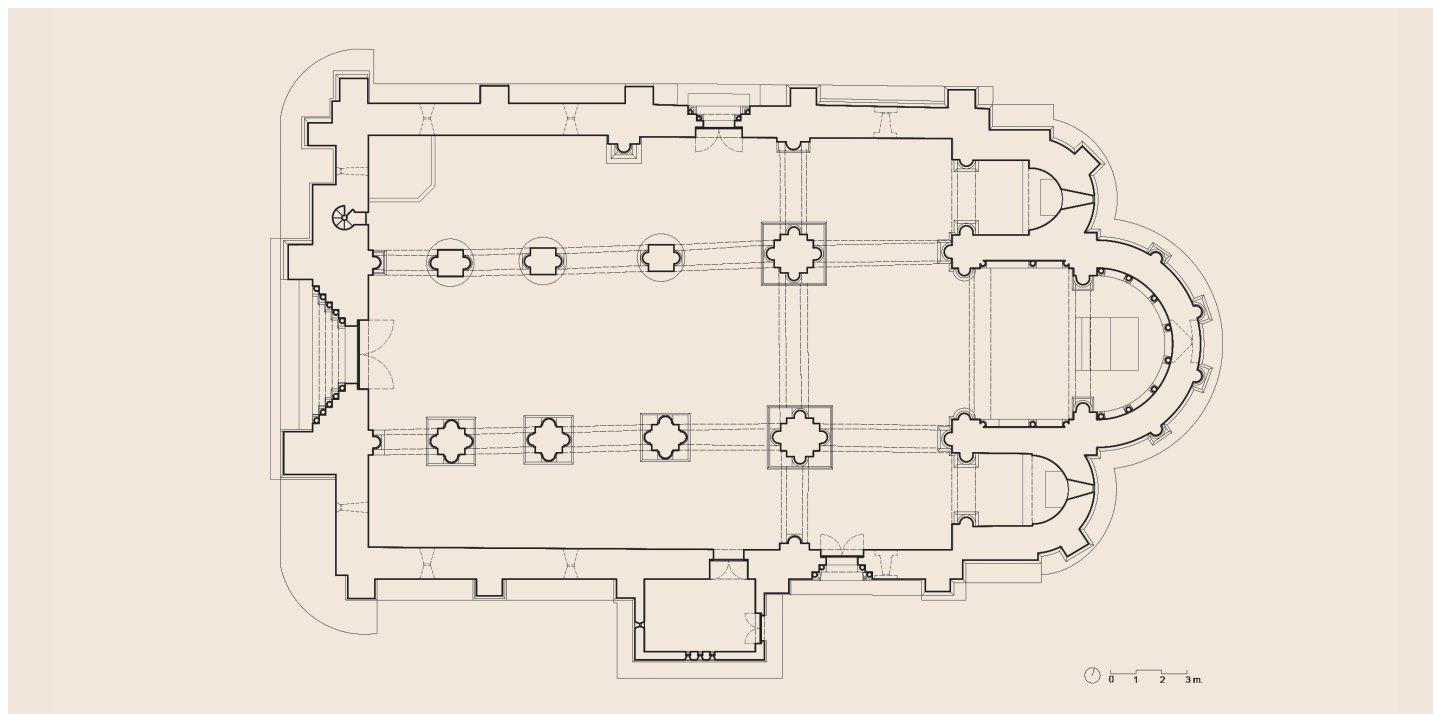
nepos una cum uxore mea regina domna Mafalda filia comitis Amadaei de Moriana, [...] decrevimus de propriis facultatibus et redditibus non solum locupletare ecclesiam Sancti Petri de Rates et fratres qui ibi habitant tam praesentes quam futuros in quae ecclesia pater meus Henricus una cum matre mea uxore sua primitus misserunt fundamenta. [...] concedimus et confirmamus beatae Mariae de Charitate ac priori et monachis ibidem. Não obstante, a veracidade deste documento é discutível e Rui de Azevedo considera-o falso, atribuindo-o ao século XIII.

Da segunda metade do século XII datam várias epígrafes localizadas na igreja de São Pedro de Rates. São, essencialmente, inscrições funerárias e outras que, ao modo de legendas, completam os programas iconográficos dos portais sul e ocidental.

Pelas Inquirições de 1220, em São Pedro de Rates, o rei não tem qualquer reguengo, mas recebe meia coleta da igreja e tem o padroado dela. Toda a vila é da igreja que aí tem searas e 16 casais. As inquirições de 1258 reafirmam o padroado régio, invocando a doação pelos Condes Portucalenses, D. Henrique e D. Teresa, ao priorado de Santa Maria da Caridade, e o pagamento da meia coleta. É também declarado que os homens da vila são ainda obrigados a servir no exército do rei. Segundo o Catálogo das Igrejas de 1320, o mosteiro de Rates, em Terra de Faria, foi taxado em 400 libras. Entre as igrejas desta Terra, o valor mais elevado foi pago pela igreja de Santa Eulália de Rio Covo (500 libras) e à igreja de São Salvador de Silveiros foi

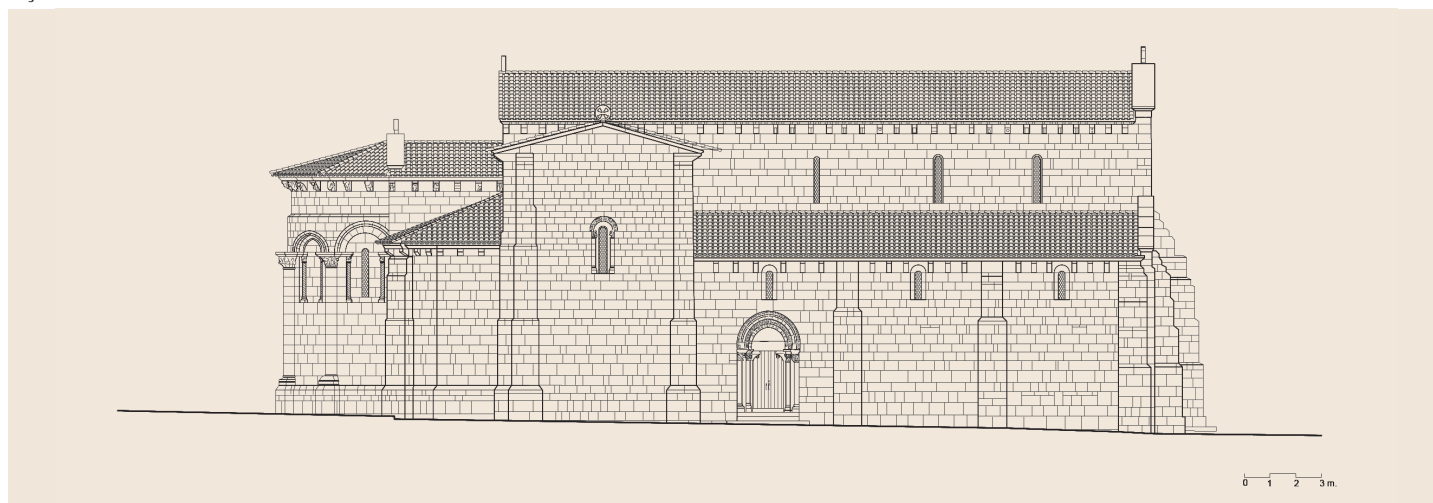
Perspetiva geral da igreja a partir de sudeste





Planta

Alçado norte

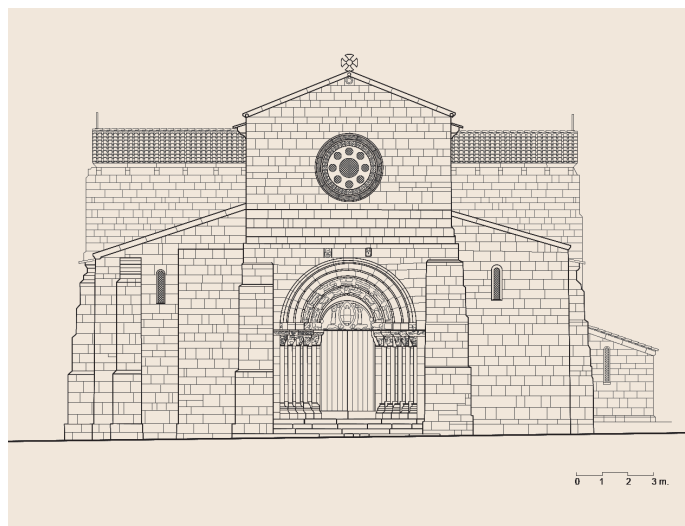


aplicada a taxa mais baixa: 15 libras. O mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, com suas anexas, foi taxado em 1 500 libras.

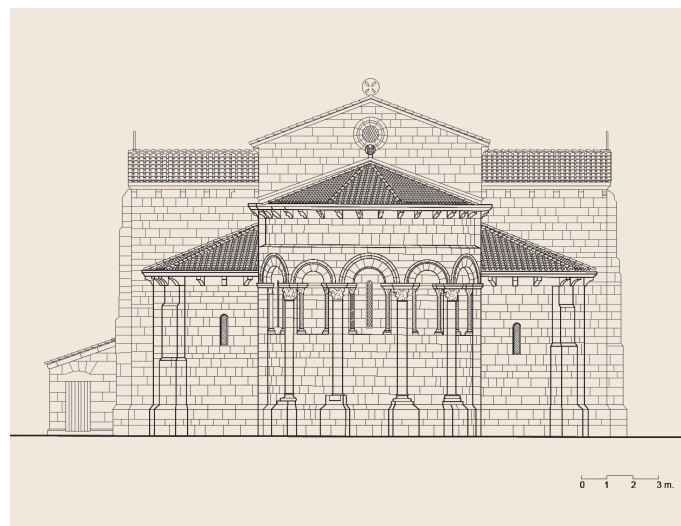
Nas escavações arqueológicas realizadas nos finais da década de 1990, além de se terem identificado alguns vestígios da necrópole medieval que ocupa a área a sul e em frente ao adro da igreja, foram reconhecidas possíveis estruturas do mosteiro em terreno localizado a sul da igreja. Já junto à fachada norte da igreja surgiram os alicerces do que se julga ser a área claustral e parte da cerca do mosteiro.

Na documentação relativa às visitas de Cluny (1254-1336) e aos Capítulos Gerais da Ordem (1259-1479) há indícios de que o mosteiro se manteve na dependência cluniacense pelo menos até 1377. Neste ano, o Capítulo Geral de Cluny, reconhecendo a má administração do priorado e a quase ausência de comunidade monástica, decide tomar providências. Porém, a situação apenas ficou resolvida em 1515, aquando da execução da bula *Redemptor noster*, de Leão X, que decidiu a extinção do mosteiro.

Em 1515, a igreja passou a paroquial e o mosteiro foi convertido em comenda nova da Ordem de Cristo, tendo



Alçado oeste



Alçado este

Alçado este



sido o seu primeiro comendador Tomé de Sousa, mais tarde 1º governador geral do Brasil. Conforme o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo*, redigido por Pedro Álvares Seco, em 1563, o mosteiro de São Pedro de Rates localizava-se no arcebispado de Braga, era uma das comendas novas dos 20 mil cruzados, o seu comendador era Fr. Tomé de Sousa e valia 80 000 reais. Segundo João de Barros, as rendas desta igreja, na segunda metade do século XVI, estavam

avaliadas em 500 cruzados. No ano de 1517, D. Manuel concedeu foral novo à vila de Rates. Em 1552, sob o patrocínio do arcebispo de Braga, D. Fr. Baltasar Limpo, as pretensas relíquias de São Pedro de Rates, designado como primeiro bispo de Braga, foram trasladadas para a sé Primaz.

Nas Memórias Paroquiais de 1758, é declarado que a igreja de Rates era do padroado do arcebispo de Braga e

a terra da vila pertencia à Casa de Bragança. Em 1836, a vila foi reduzida a freguesia e incorporada no concelho de Póvoa de Varzim.

Orientada, a igreja de São Pedro de Rates apresenta uma planta de desenvolvimento longitudinal, composta por três naves de quatro tramos, transepto inscrito e cabeceira tripartida, constituída por uma abside e dois absidiólos semicirculares, interna e externamente. A sul, ao nível do segundo plano, anexa-se uma pequena sacristia, obra do restauro do século xx. Os paramentos da igreja são em granito pseudo-isódomo. A cabeceira, as três naves e o transepto configuram um escalonamento volumétrico característico do período românico ao nível das coberturas. Inscrito ao nível da planta, o transepto é apenas notado pela sua maior elevação.

O entendimento da arquitetura românica de São Pedro de Rates tem de obrigatoriamente considerar que esta igreja foi alvo de uma das mais marcantes intervenções de restauro realizadas pela DGEMN na década de 1930 e que o Boletim nº 23 de 1941 memora. Nesta publicação, as fotografias e desenhos que ilustram o antes e o depois da intervenção comprovam o caráter transformador do mesmo que, inclusive, respondeu a um espírito de renovação da igreja que procurou, através da eliminação de elementos estruturais e móveis da época moderna, reconstituir no seu lugar outros, de acordo com a fâcies medieval. De entre as obras realizadas, devemos destacar a demolição da torre sineira, edificada na época moderna e construída sobre o absidiólo norte e consequente reconstrução total deste absidiólo. Seguiu-se a completa demolição da abside retangular moderna e sua consequente reconstrução dentro de uma linguagem românica, feita com base no alinhamento do alicerce semicircular ainda conservado sob a mesma e respeitando alguns elementos arquitetónicos encontrados. Optou-se, ainda, por demolir uma capela gótica que ocupava um tramo da nave da Epístola. Tratava-se de um importante testemunho da introdução da arte gótica no norte de Portugal, confirmada pela sua cobertura em cruzaria de ogivas, e irremediavelmente perdido.

Assim, e para autores como Miguel Tomé, o restauro desta igreja é um claro exemplo de como a "recuperação da unidade ideal só aparentemente constitui um objectivo, sendo apenas aplicada quando a integridade dos elementos originais é grande, permitindo o preenchimento seguro das lacunas". A procura de unidade da fábrica de Rates dentro daquilo que se considerava ser o seu estilo românico primitivo resulta, pois, de intervenções muito datadas e dotadas de ideais muito próprios no que toca a esta matéria. Mais, é do entendimento e do resultado conseguidos



A igreja antes do restauro. Alçado norte (Foto DGEMN/SIPA-DGPC)



A cabeceira durante as obras de restauro (Foto DGEMN/SIPA-DGPC)



Obras de restauro no absidiólo sul (Foto DGEMN/SIPA-DGPC)



Alçado norte

Portal norte



nestas intervenções que decorre a atual legibilidade e compreensão do património edificado românico e, particularmente, de São Pedro de Rates.

A cabeceira revela, através do escalonamento dos volumes, a organização interna. A abside, mais elevada que os absidiólos, é ornada com arcadas cegas sustentadas por meias colunas adossadas ao seu paramento e suportadas por elevado embasamento. Os capitéis apresentam sistematicamente volutas e decoração vegetal de folhas volumosas, salientes e de nervuras esquemáticas com remates angulosos e vivos. Nas aduelas das arcadas cegas vemos um especial cuidado posto nos frisos, ornados com motivos enxaquetados, encordoados ou meias esferas. A variedade decorativa do conjunto manifesta-se ao nível dos colonelos e respetivas colunas que ladeiam as frestas que, de forma intercalada, se rasgam nas arcadas cegas. Nestes, os fustes são mais eloquentes, ora lisos, ora espiralados, ostentando motivos diversificados. Os capitéis acusam igualmente uma diversidade decorativa, de sabor vegetalista ou motivos entrelaçados. Na cornija da abside, vemos um friso com o motivo do enxaquetado. Os cachorros da abside ostentam motivos diversificados como meias esferas, cabeças de bovídeos ou figurações humanas, na linha da escola galega imanada a partir da sé de Tui, enquanto os dos absidiólos são lisos, com configuração retangular. Estes dois elementos são ritmados por contrafortes com

ressaltos que reforçam a sua estrutura. O aparecimento de ressaltos e molduras nos contrafortes, servindo-lhes de ornamento, denunciam uma cronologia tardia, mais próxima do gótico, ao mesmo tempo que procuram evitar a infiltração de águas no seu corpo. Não podemos esquecer que esta parte da igreja foi totalmente refeita na década de 1930 por ocasião do restauro, daí a opção pela aplicação de cachorros lisos nos absidiólos, e o necessário cuidado crítico que devemos ter na leitura da abside aos mais diversos níveis. Não se invalida que os cachorros, ou outros elementos, possam ter sido encontrados durante as obras de restauro, alguns dos quais em uso no enchimento dos muros da cabeceira que se demoliu e foram utilizados na obra de recomposição da cabeceira.



Alçado sul. Epígrafes

Perspetiva geral do portal sul e epígrafes



Os alçados laterais da igreja são rasgados por estreitas frestas e pontuados por contrafortes de ressalto. Os cachorros são lisos e mostram uma configuração retangular. No lado sul, um lacrimal e mísulas denunciam ter existido uma estrutura alpendrada.

Em ambos os lados da igreja rasgam-se portais laterais que não são confrontantes, como geralmente ocorre. O portal norte rasga-se ao nível da nave, no seu quarto tramo e o sul abre para o transepto. O portal norte é formado por duas arquivoltas, peraltadas e levemente ultrapassadas. Ambas as arquivoltas mostram friso, onde se gravou uma sequência de "X", numa decoração linear e quase gráfica, sendo ainda a externa completada com um toro na aresta e a interna com um friso pontuado por pérolas. O tímpano liso assenta sobre mísulas ornadas com enrolamentos e os capitéis ostentam motivos vegetalistas, algo estilizados.

O portal sul apresenta uma curiosa composição. No tímpano destaca-se uma representação do *Agnus Dei* crucífero, bordejado de folhas e de uma arcada polilobada.

Uma inscrição, gravada na face principal do tímpano e à esquerda do Cordeiro, lida por Mário Barroca confirma o tema iconografado:

AGNUS DEI

A cruz está decorada com besantes, a imitar pedras preciosas, e é para ela que o Cordeiro de Deus dirige o seu olhar. Trata-se do único caso deste tema em Portugal, em que este símbolo surge ladeado do Tetramorfo, colocado sob as arcadas, tal como aparece sistematicamente nas ilustrações do *Beatus*, quando o Apocalipse se refere à terceira visão celestial. Assim, do lado direito vemos o Anjo, símbolo de São Mateus, e do outro lado a Águia, símbolo de São João. Cartelas epigrafadas assinalavam os elementos do Tetramorfo Atlante, caso único entre o nosso românico. Na Águia, símbolo de São João, Mário Barroca leu:

IOHAN(n)ES

De acordo com este autor, as três outras figuras seriam igualmente legendadas, mas as suas inscrições terão sido

Alçado ocidental





Portal ocidental. Pormenor

mutiladas em obras de desmonte do tímpano, realizadas durante a época moderna.

Às duas colunas do portal corresponde a arcada polilobada e arco envolvente, embebido na espessura do muro e que se compõe de duas fiadas de aduelas, ornadas com motivos vegetais estilizados e com um toro na sua aresta. Além dos restantes elementos decorativos deste conjunto, há que destacar as duas feras-atlantes que suportam as duas colunas laterais do portal que, ao remeterem para um bestiário fantástico, enriquecem a sua composição e a sua simbólica.

Junto a este portal, do lado leste, estão gravadas ao longo de vários silhares as inscrições funerárias, sendo a mais antiga a de D. Urraca:

OBIIT · ORRACA : CA [...] / [...]

A outra, epigrafada em silhar de granito de uma outra natureza, memora D. Pedro Martins e sua filha, D. Maior, vindo trincar a primeira e impossibilitar a identificação do patronímico de D. Urraca. De acordo com a proposta de Mário Barroca lê-se:

OB(ierunt) : PETRV(s) : MARTINVS et FI[lia] /
Elus DONNA [sic]
MAIOR [...] NO / E(ra) M(i)LESIMA [...]

Junto destas, uma terceira epígrafe, incluída em época posterior, que indica a Era de 1282, ano de 1244:

Era · M^a · CC^a · 2 XXX · II^a.

Mário Barroca, analisando-a, questiona o facto de se esta simples data apresentaria um conteúdo funerário ou se pretenderia assinalar alguma fase construtiva da igreja. Está gravada em silhar de granito, embutido na parede sul da nave, no espaço correspondente ao transepto, também a leste do portal. Contudo, reforça que do ponto de vista paleográfico, esta epígrafe se afasta das inscrições funerárias que se encontram em seu redor.

A fachada ocidental denuncia igualmente a diferença de altura entre a nave principal e as laterais. O corpo central, ladeado por dois contrafortes de resalto, acolhe ao centro um portal no qual se desenvolveu um dos mais trabalhosos programas do românico português. Todavia, devido à má qualidade do granito com que foi concebido



Portal ocidental. Tímpano exterior

encontra-se hoje muito deteriorado. Bastante profundo, o referido portal compõe-se por cinco arquivoltas, sustentadas pelos respetivos capitéis. Nestes, a iconografia é muito elaborada e característica do românico ao nível dos temas e formas. Apesar de ainda muito presa à configuração do cesto do capitel, na esquina do mesmo encontram-se figuras humanas, híbridas ou animalistas, como que enformando de ambos os lados da porta uma narrativa contínua, de difícil interpretação simbólica. Nas impostas, do lado norte vemos motivos encordoados e, no oposto, a palmeta dita bracarense. A cena iconografada no tímpano não tem paralelo na escultura românica europeia, embora exista na ilustração de Saltérios. Dentro de mandorla, Cristo surge sentado, com um livro na mão esquerda e com a mão direita a abençoar, sendo ladeado de duas figuras hieráticas e frontais, de cabeça nimbada e que devem representar dois profetas, certamente São João Baptista e outra personagem. Sob os seus pés e os dos profetas, duas personagens horizontais que pisam, figurados nus e estendidos no chão, a segurar o pedestal de Cristo. Esta cena remete-nos para as palavras

do Salmo 110: *senta-te, enquanto ponho os teus inimigos como escabelo para teus pés*. A julgar pelos paralelos conhecidos em iluminuras, estas figuras poderão ser Judas e o herege, Ario. À verticalidade de Cristo e dos profetas opõe-se a sua horizontalidade. As duas arquivoltas internas do portal mostram um conjunto de figuras esculpidas, nas esquinas das aduelas, modelo comum ao românico de origem borgonhesa e desenvolvido em torno da sé de Braga. Na primeira arquivolta temos um conjunto de anjos de duas asas, algo abertas, mas descaídas, segurando na mão do lado do tímpano um turíbulo e na outra uma cruz. Na segunda arquivolta, um conjunto de sete apóstolos, sentados em cátedras, têm báculo na mão de dentro e dístico, com inscrição, na de fora. O mais certo é ter ocorrido uma redução do programa inicial que, seguramente, preveria a conceção dos Doze Apóstolos. Todavia, as suas inscrições devem ter sido reavivadas na época moderna. Nas primeiras três aduelas a contar de norte, vemos os nomes de São Paulo, São Tomás e Santo André, este último de leitura mais difícil:

PAULUS
THOMAS
"Andreas"

Arthur Kingsley Porter reconheceu o carácter borgonhês da composição deste tímpano, nomeadamente no desenho apontado da mandorla, apesar da sua execução imperfeita. De facto, Ferreira de Almeida chama a nossa atenção para um certo indigenato, fruto da inexperiência do canteiro, presente no tratamento dos anjos e dos Apóstolos, tanto das arcadas do portal, como das arcadas do interior da igreja. Assim, este portal axial de Rates é, sem dúvida, um bom testemunho da influência borgonhesa e cluniacense em Portugal no século XII, já avançado. Tanto na sua conceção, como na iconografia, apesar do notável provincialismo da interpretação plástica, acusa bem como aqui chegou a maneira borgonhesa de idealizar um portal, em visão sintética, como porta do Céu e trono do Ser, ladeado de anjos e de Apóstolos. A associação dos Apóstolos à visão de Cristo em glória fundamenta-se numa passagem evangélica em que Jesus lhes promete que haverão de se sentar, em seu redor, no trono do Céu, a julgar as doze tribos de Israel. Os ícones dos quatro Evangelistas surgem a suportar as duas arcadas decoradas, sobre a linha dos ábacos que rematam os capitéis das colunas, o Anjo e o Touro do lado esquerdo, o Leão e a Águia do outro lado. O programa iconográfico tem continuidade no intradorso do portal. Na face interna do tímpano, uma outra figuração do *Agnus Dei*, acolitado por dois personagens. No tímpano há uma epígrafe que, segundo leitura de Mário Barroca, diz:

AGNUS DEI

O desgaste da escultura não permite uma identificação mais precisa. O arco envolvente orna-se com "X" incisos, bordejados por friso com motivos vegetalistas, que se entrelaçam.

Sobre o portal principal rasga-se hoje uma rosácea, obra do restauro, que substituiu um janelão retangular barroco.

Tanto na cabeceira como no transepto, a cobertura é abobadada. A abóbada da abside é sustentada por arco toral, que define dois tramos. A ornamentação interior compõe-se igualmente de uma arcada cega, no terço inferior. Os fustes dos colunelos que a sustentam acusam uma variedade compositiva que se parece afastar do léxico ornamental românico e lembrando-nos que estamos diante de uma cabeceira totalmente reconstruída na década de 1930. Os seus capitéis têm os motivos vegetalistas bem esculpidos, mostrando igualmente a capacidade do capiteleiro em criar diferentes composições. Nos capitéis altos do arco



Interior. Portal ocidental. Tímpano

Interior. Absidiolo sul



formeiro, destaca-se uma composição vegetalista, de sabor mais clacissizante, que se repete no arco triunfal e no arco formeiro que separa a nave do cruzeiro da igreja, embora nestes dois últimos os motivos sejam mais turgidos e mais variados. Nos absidiólos, arcos formeiros sustentam a abóbada e dois frisos animam os paramentos, um ao nível da imposta dos capitéis altos dos seus arcos triunfais, outro delimitando o seu primeiro terço.

As três naves de Rates foram pensadas para terem arcos diafragma e cobertura em madeira, conforme comprovam os arcos torais que delimitam espacialmente o transepto e a presença de meias colunas na nave, no lado da Epístola, e que não cumprem a função para que foram destinados. Os arcos diafragma constituem uma marca característica dos programas românicos irradiados da sé de Braga. Embora ainda tenha sido iniciado, este programa das arcadas-diafragma foi abandonado, tendo-se aberto frestas onde estes arcos se encostariam, daí resultando uma nave central relativamente alta, coberta de madeira, com janelas de iluminação direta, abertas na direção dos pilares. A construção da atual igreja de Rates terá decorrido entre os meados do século XII e os meados do século seguinte, altura em que foi concluída, conforme atesta a espacialidade já protogótica da nave central. Os pilares das naves apresentam diferentes formas. Se os primeiros são retangulares, já os que sustentam o arco diafragma que delimita o transepto são cruciformes, tanto mais que sobre o cruzeiro se ergue uma torre. Atendendo à diferenciação de alturas entre a nave central e as naves laterais, os arcos torais, já apresentando uma quebra na sua configuração, contribuem para a afirmação de uma espacialidade românica tardia. O arranjo dos capitéis denuncia correntes distintas. Uma, que para Ferreira de Almeida, pode ser proveniente de São Pedro de Coimbra e que encontra paralelos em São Martinho de Mouros (Resende) e São Pedro das Águias (Tabuaço) e influenciou todo um conjunto de portais como os de Rio Mau (Vila do Conde) e de Vilar de Frades (Barcelos). Esta corrente decora os capitéis com laçarias saindo da boca de animais ou com animais afrontados na esquina superior ou sob o lado central, debicando folhagens ou trincando as pernas de um ser humano que surge dependurado de cabeça para baixo. A outra corrente ornamental dos capitéis, de caráter mais local, decora os cestos com folhas estilizadas, muitas vezes pontiagudas, em forma de lança, ou com animais que juntam as cabeças na parte média ou inferior do capitel.

Nos primeiros dois tramos, do lado do Evangelho, destacam-se duas arcadas formeiças que mostram aduelas esculpidas com figurações, pouco mais que esboçadas, de Apóstolos e de anjos. Tratam-se de figuras bastante

elementares, algumas inacabadas, mas que corroboram a influência borgonhesa, já referida a propósito do portal principal. Mário Barroca considera que este apostolado se destinaria ao portal principal e que atendendo a uma possível redução do programa iconográfico foi aqui colocado. Nas duas últimas aduelas do primeiro arco formeiro, à direita, gravada na vertical, identificou a epígrafe:

PETRUS

Na mesma aduela, Mário Barroca identificou um outro Apóstolo dotado de cartela, que seguramente se destinava a receber uma legenda.

De referir ainda uma outra inscrição, embora avulsa e mutilada, gravada em silhar estreito e profundo, revelando o nome de um arquiteto responsável por obras na igreja de São Pedro de Rates:

[...] / MAGI[ster] / PELAGIUS [fe] / CIT HOC O[p] / US

Trata-se de uma inscrição, cujas características e caracteres, apontam já para o século XIII e possivelmente para a segunda parte da centúria, tendo em conta o E gótico fechado à direita. Conserva-se hoje no núcleo museológico da igreja românica de São Pedro de Rates.

A igreja medieval foi muito transformada na época moderna. Dando resposta às imposições pós-Tridentinas, o seu interior foi “barroquizado”. Aos paramentos revestidos a azulejo, juntaram-se máquinas retabulares. As Memórias Paroquiais de 1758 dizem-nos que a igreja tinha seis altares, incluindo o mor, do Santíssimo Sacramento. A distribuição destes altares pelas naves e transepto de Rates configuravam uma outra espacialidade de uma igreja que hoje vemos despida destes elementos cultuais e onde a sua estrutura, em granito aparente, foi enfatizada durante os restauros. Removidos na mesma campanha, os azulejos tipo tapete e os retábulos do Senhor das Chagas e o do Santíssimo Sacramento estão hoje na capela do Senhor da Praça, também em Rates. Inclusive, a análise de fotografias de inícios do século XX permitem-nos ver que vários pontos da igreja teriam pintura mural, com cenas religiosas ou grotescos.

A vila de Rates desenvolveu-se à volta do mosteiro fundado pelos condes D. Henrique e D. Teresa, em 1100, provavelmente sobre um templo mais antigo, e ganhou notoriedade devido à lenda de São Pedro de Rates, alegadamente primeiro bispo de Braga, tornando-se num local central no caminho de peregrinação a Santiago de Compostela. Uma narrativa de cunho lendário, e que deu origem a intensa bibliografia, envolve o orago de São Pedro de Rates, que se pretendia ser um discípulo do Apóstolo Santiago e primeiro bispo de Braga sendo, assim, fundador da mais antiga diocese da Península Ibérica. Após curar de



Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental



Interior. Perspetivas da nave e arcos formeiros ornamentados



Interior. Capitéis

lepra a filha de um rei gentio batizou-a, juntamente com a rainha sua mãe, o que despertou a ira do monarca que o mandou degolar na povoação de Rates. O seu cadáver aí ficou, mas um eremita, chamado Félix, que vivia no cimo de um monte em frente ao mar, tendo visto durante muitos dias umas luzes que irradiavam do corpo, desceu ao local e sepultou-o. Sobre a sua sepultura terá erguido um altar eucarístico. O culto a São Pedro rapidamente ganhou fama, atraindo fiéis de toda a região.

Além disso, São Pedro de Rates destaca-se no panorama histórico-arquitetónico do Portugal Medieval. Primeiro, estamos diante de uma das casas monásticas mais precoces e seguramente datadas. E, segundo, porque Rates é o primeiro de três mosteiros da Congregação de Cluny em Portugal (juntamente com Vimeiro, em Braga, e Santa Justa, em Coimbra), o que lhe conferiu, ainda, um papel de destaque no seio do monaquismo do noroeste Peninsular. É no arranjo do portal principal, ao nível da composição das aduelas internas e do tímpano que encontramos o testemunho da influência borgonhesa. Partindo da análise arquitetónica e decorativa de São Pedro de Rates, José Mattoso procurou identificar as características que poderão definir uma "escola beneditina" do românico português, cujas influências arquitetónicas parecem ter vindo dos mosteiros cluniacenses franceses, enquanto que as escultóricas seriam já originárias, pelo menos em parte, da Península Ibérica. Tal facto deriva da grande

facilidade com que as temáticas de origem cluniacense, ao nível escultórico, foram absorvidas e representadas por artistas autóctones. A grande adaptação às formas regionais é uma constante desta arquitetura, derivado do costume dos monges de Cluny de recorrerem a artistas, processos e decorações dos países estrangeiros, integrando assim os edifícios desta Ordem nas escolas artísticas a que geograficamente pertencem. Tal é perceptível no programa iconográfico do tímpano do portal ocidental de Rates. É com a chegada dos beneditinos que se afirma a figuração na arquitetura românica portuguesa que antes optara mais pelo recurso a temas essencialmente geométricos e vegetais.

A igreja de São Pedro de Rates tem sido um dos edifícios mais glosados na historiografia portuguesa sobre a matéria uma vez que, bem analisadas as suas estrutura e decoração, se tornam bem evidentes todo um conjunto de anomalias e de irregularidades no seu traçado. Autores como Ferreira de Almeida ou Manuel Real procuraram identificar-lhe várias fases construtivas, com base no estilo dos capitéis e noutros elementos decorativos, resultantes de hesitações ou de redução de programas, de que o portal principal pode ser considerado o melhor exemplo. O aproveitamento constante de materiais anteriores é também uma realidade, que as epígrafes junto do portal sul podem comprovar. Contudo, estamos apenas diante de propostas de leitura arquitetónica e espacial e que não



Núcleo Museológico de São
Pedro de Rates. Diversos

consideraram a profunda intervenção de restauro realizada durante a década de 1930.

Texto: MLB/JL - Fotos: JNC/MLB/MF/MS/MSch
Planos: GM/MF/MS (sobre FSMLR/SA/SIPA-DGPC)

Bibliografia

AA.VV., 2011, pp. 38-60; ALMEIDA, C.A.F., 1968, pp. 62 e 184; ALMEIDA, C.A.F., 1975, pp. 6, 7, 9-12, 17 e 18; ALMEIDA, C.A.F., 1978a, I, p. 156 e II, pp. 90, 110 e 286; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 73, 74, 151, 152 e 154; ALMEIDA, C.A.F., 1995, p. 349; ALMEIDA, C.A.F., 2001, pp. 104, 105 e 157; BARREIROS, M.A., 1937, p. 552; BARROCA, M.J., 1990; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 232 e 233 (da [segunda metade século XII]), Insc. n.º 234 (da [segunda metade século XII]), Insc. n.º 235 (da [segunda

metade século XII]), Insc. n.º 323 (de 1244), Insc. n.º 474 (da [segunda metade século XIII]); BARROCA, 2017a, Insc. n.º 267 e 268 (da [segunda metade século XII]), Insc. n.º 269 (da [segunda metade século XII]) e Insc. n.º 270 (da [segunda metade século XII]); BNP, Cod. 216, fl. 76r; BOISSELLIER, S., 2012, p. 137; BOTELHO, M.L., 2013b, pp. 513-526; COSTA, A., 1929-49, X, pp. 50-51; COSTA, A.J., 1997-2000, II, pp. 23, 27 e 379; DGEMN, 1941a; DMP, DR, doc. n.º 6 (de 1100, março) e doc. n.º 217 (de [1146-1147], julho); LENCART, J., 2018, p. 440; LFIDEI, doc. n.º 616 (de 1078); MEM. PAROQ. 1758 (2003), p. 643; NETO, M.J.B., 2016, pp. 27, 108-109 e 119; PMH, INQ., pp. 34, 114, 187, 234 (de 1220) e 1430 (de 1258); PORTAL DO ARQUEÓLOGO; PORTER, A.K., 1969, II, p. 25; REAL, M.L., 1982a; REAL, M.L., 2001a, p. 35; ROSAS, L.M.C., 1995, II, pp. 242-245; ROSAS, L.M.C. e BOTELHO, M.L., 2010, pp. 213-228; SIPA; SOUSA, B.V., 2005, p. 59; TOMÉ, M., 1998, I, pp. 17 e 21; TOMÉ, M., 1998, III, pp. 118-128; VIAS ROMANAS.

